

'Se meta da inflação está errada, mude-se a meta', afirma Lula



O presidente Lula, durante café da manhã com jornalistas, nesta quinta (6) Pedro Ladeira/Folhapress

Lula rejeita citar Bolsonaro e Moro após desgastes e evita promessa sobre STF

Presidente não se compromete com a indicação de uma mulher negra para a corte e se limita a falar em perfil 'altamente gabaritado'

Bruno Boghossian e Cátia Seabra

BRASÍLIA Orientado a não dar mais palanque aos adversários, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) disse nesta quinta-feira (6) que não falaria do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) e do senador Sérgio Moro (União Brasil-PR), aos quais chamou de coisa e coiso.

O petista enfrentou desgastes nos últimos meses com algumas declarações, principalmente após sugerir, sem provas, "uma armação" de Moro em uma operação da Polícia Federal sobre um plano da facção criminosa PCC contra autoridades.

Durante café da manhã oferecido a jornalistas, Lula disse que, alertado pelo ministro Paulo Pimenta (Secom), evitaria citar os adversários para falar do futuro do Brasil. O presidente disse que o bom senso e a maturidade o ensinavam a mencionar menos possível do passado.

"[Paulo] Pimenta tem me alertado todo dia a não falar nesses nomes que você falou [Moro e Bolsonaro]. Por isso que nem citei os nomes. Eu não tenho que falar nem da coisa nem do coiso", disse, ao ser questionado sobre os dois. "Vou começar a falar das coisas que nós vamos fazer daqui para frente", completou.

Questionado logo depois sobre a volta de Bolsonaro ao Brasil, Lula disse que o expresidente terá que responder a inquéritos, possivelmente até no exterior, sobre os erros que cometeu, sendo o mais grave no enfrentamento à pandemia da Covid.

"Vai ter muito processo contra Bolsonaro, porque ele cometeu muitos erros", disse Lula.

O presidente disse que pelo menos metade das mais de 700 mil mortes de Covid no Brasil é de responsabilidade de Bolsonaro. E que o antecessor "vai pagar o preço dos erros que cometeu".

O mandatário disse ter consciência de que Bolsonaro pretende voltar à Presidência. Lula lembrou a filiação do rival ao PL como uma prova da disposição do expresidente de fazer política.

Mas ironizou a recepção a Bolsonaro ao país, associando a presença de bolsonaristas nas ruas a quem pagasse

pelo combustível. "Agora ele [Bolsonaro] está livre para fazer motocicleta. Ele imaginava que ia ter uma grande recepção, que ia ter milhões de motocicletas. Como não tinha ninguém para pagar a gasolina, não tinha mais motocicleta. Fica mais difícil", afirmou.

Aliados se queixam de que, quando Lula menciona os adversários, acaba promovendo-os politicamente, a exemplo do que ocorreu recentemente no caso de Moro.

"Eu não vou falar porque acho que é mais uma armação do Moro. Quero ser cauteloso, vou descobrir que aconteceu. É visível que é uma armação do Moro", disse o presidente no último dia 23.

Na véspera, integrantes do próprio governo petista haviam exaltado a operação feita pela PF, que é ligada ao Ministério da Justiça.

A ilação feita por Lula acirrou a disputa com opositores e levou Moro a reagir cobrando "decência" do presidente. A juíza Gabriela Hardt, responsável por assinar os mandados, tirou o sigilo do processo logo após a fala do presidente, levando à divulgação de mais detalhes da investigação.

Também durante o encontro desta quinta, Lula disse não ter pressa para a escolha de um novo ministro ao STF (Supremo Tribunal Federal) e evitou se comprometer com a indicação de uma mulher ou um negro, como reivindicam entidades e integrantes do próprio governo.

A declaração ocorreu no mesmo dia em que Lula publicou decreto de aposentadoria do ministro Ricardo Lewandowski no Diário Oficial.

"Se vai ser negro, se vai ser mulher, se vai ser homem, é um critério que eu vou levar muito em conta na escolha. Mas não te darei nenhuma referência, porque, se eu der uma referência, estarei carimbando a futura pessoa que vai ser a ministra da Suprema Corte", disse o chefe do Executivo ao ser questionado especificamente sobre a opção por uma mulher para a vaga.

Lula disse que seu indicado será uma pessoa "altamente gabaritada, do ponto de vista jurídico", e que tenha sensibilidade social. O chefe do Executivo disse ainda que escolherá um ministro que

“

A escolha do substituto dele [Lewandowski] será feita por mim no momento que eu achar que tenha que fazer. Não adianta ficarem plantando nome, tentando vender candidato pela imprensa, que não é assim que se escolhe ministro da Suprema Corte

Se vai ser negro, se vai ser mulher, se vai ser homem, é um critério que eu vou levar muito em conta na escolha”

Lula sobre a indicação para o STF

“

Vou começar a falar das coisas que nós vamos fazer daqui para frente. Lula sobre desgastes envolvendo Moro e Bolsonaro

não vai dar seu voto "na imprensa", mas nos autos do processo.

"A escolha do substituto dele será feita por mim no momento que eu achar que tenha que fazer. Não adianta ficarem plantando nome, tentando vender candidato pela imprensa, que não é assim que se escolhe ministro da Suprema Corte".

Ele também não quis fixar um prazo para a indicação. "Não tem data, não tem mês. Eu não tenho pressa de escolher", completou.

Lamentando a saída de Lewandowski, Lula disse que seu sucessor tem que ter o mínimo de sensibilidade social. O presidente disse não indicaria um ministro pensando em um problema futuro do presidente da República.

"O nome que indicarei será certamente um nome que vai fazer justiça ao povo brasileiro. Jamais indicarei um ministro da Suprema Corte por conta de precisar de algum favor. Não foi assim com nenhum que indiquei e não será assim, afirmou.

Os favoritos para a vaga são o advogado de Lula, Cristiano Zanin Martins, e Manoel Carlos de Almeida Filho, ex-assessor de Lewandowski por quem é apoiado. Aliados de Lula apontam a predileção por Zanin, mas afirmam que o presidente dificilmente recusaria um apelo enfático de Lewandowski em favor de seu ex-assessor.

Defensores da opção por Manoel Carlos ressaltam sua atuação em prol de agenda à esquerda, enquanto pouco se sabe do perfil de Zanin para pautas em debate no STF. Também pesa contra Zanin o risco de ter de se declarar impedido em votações de interesse de Lula.

Esses apoiadores de Manoel Carlos afirmam que Zanin poderia vir a ocupar a cadeira da ministra Rosa Weber. Embora exista um movimento para que uma mulher negra seja escolhida para a vaga, interlocutores de Lula duvidam que essa pressão influencie decisivamente o presidente na hora da escolha.

No encontro com jornalistas, o petista também criticou a paralisação da análise de medidas provisórias no Congresso devido a um impasse entre deputados e senadores. **Leia mais em Mercado**

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Política **Caderno:** A **Página:** 4